



**XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP**

Análise da rede social da Instância de Governança do Circuito Turístico Caminho Novo: uma perspectiva sistêmica e complexa

Resumo

Essa pesquisa teve como objetivo geral analisar a composição, a organização e o funcionamento da Instância de Governança do Circuito Turístico Caminho Novo-MG, dentro do contexto das políticas públicas de turismo atuais, apoiado na teoria dos sistemas complexos e na ferramenta de análise de redes sociais, utilizando como suporte teórico o paradigma da complexidade proposto por Edgar Morin, os aspectos dos sistemas complexos e a reconstrução do modelo do SISTUR de Beni (1998) e sua reconstrução proposta por Moesch e Beni (2015, 2017). Toda a pesquisa foi alinhada à perspectiva do turismo como um fenômeno socioespacial sistêmico e complexo, que para seu funcionamento exige diversas inter-relações entre um elevado número de variáveis. Além disso, foram observados os preceitos das políticas públicas de turismo implementadas no Brasil, em especial o Programa de Regionalização do Turismo e as políticas dos Circuitos Turísticos de Minas Gerais, ambas embasadas pela gestão descentralizada e pelas instâncias de governança regionais como principais agentes articuladores regionais. Como ferramenta metodológica foi utilizado o método bola de neve dividido em três etapas, a análise de redes sociais com foco na Teoria dos Laços fracos e Laços fortes de Granovetter (1973, 1983) e dos buracos estruturais de Burt (1992), aliada à análise de conteúdo adaptada de Bardin (2011) e a elaboração de sociogramas das relações mantidas entre os agentes sociais dessa região turística. Como principal resultado destacamos a inexistência de uma rede regional capaz de produzir resultados efetivos, a pouca participação e o baixo entendimento dos municípios sobre as políticas públicas de turismo, a predominância de aspectos de centralização ao invés de uma postura descentralizada, uma forte ingerência municipal e regional atrelada a um cenário de descontinuidade da gestão pública, além de um ambiente que remete a uma postura competitiva com reduzida participação dos agentes sociais para trabalhar em rede.

Palavras-chave: turismo; sistemas complexos; análise de redes sociais; políticas públicas; instância de governança.

1. Introdução

A complexa relação sistêmica do fenômeno socioespacial do turismo se estabelece por meio das interconexões estabelecidas entre os agentes sociais que atuam e produzem esse sistema, geradoras de uma rede complexa gerida por políticas públicas que buscam ordenar e sistematizar a atividade turística dentro dos seus diversos níveis escalares de atuação.

Considerando a escala administrativa federal como responsável por estabelecer os rumos das políticas brasileiras de turismo, tem-se a Política Nacional de Turismo, fundamentada na Lei Geral do Turismo de 2008 e detalhada pelos Planos Nacionais de Turismo (2003-2007, 2007-2010, 2013-2016), propostos pelo Ministério do Turismo (MTUR). Nesse contexto, o tema desse estudo tem como base a política mineira de criação dos circuitos turísticos e o Macro Programa de Regionalização do Turismo (PRT).

Na escala estadual e no caso específico desta pesquisa, o estado de Minas Gerais, o alinhamento com o governo federal se dá pelas instâncias de governança regionais, representadas pelos Circuitos Turísticos que constituem a principal ferramenta para desenvolver e ordenar de forma descentralizada o turismo em toda a extensão territorial estadual. Pelo Decreto Estadual nº 43.321/2003, Minas Gerais deu um grande passo ao reconhecer e institucionalizar os Circuitos Turísticos como instrumento essencial para desenvolver o processo das políticas de turismo integrado ao PRT, considerando circuito turístico como municípios de uma mesma região com afinidades culturais, sociais e econômicas, unidos em prol da organização do turismo de forma sustentável por meio de uma integração regional (Minas Gerais, 2003).

No nível de gestão estadual, a Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais (SETUR-MG) é a entidade regulamentadora e propositiva que coordena os rumos da política de regionalização no estado. Como forma de legitimar e fortalecer a política pública de Turismo a SETUR-MG, baseada na Resolução SETUR nº 007/2003, determinou uma série de parâmetros e exigências para que os Circuitos Turísticos possam receber anualmente o seu certificado de reconhecimento (Minas Gerais, 2010).

Com base nesses aspectos, esta pesquisa propõe constituir uma relação entre sistemas complexos e o turismo, observado pelo viés da teoria da complexidade de Edgar Morin (2000; 2002a; 2015), no intuito de estabelecer uma conexão entre os agentes sociais envolvidos nas redes sociais que se formam a partir da implementação das políticas públicas de turismo. Na busca de compreender o fenômeno turístico como um sistema, foram buscados autores como Leiper (1979), Boullón (1990) e Beni (1998) que, de forma distinta, abordam o sistema turístico no intuito de explicar a dinâmica estrutural, territorial e multisetorial presente na atividade turística.

Procurando ampliar a discussão sobre o fenômeno socioespacial do turismo e suas conexões com os sistemas complexos propõem-se ainda, aprofundar a discussão sobre o sistema turístico a partir do ponto de vista dialógico hologramático, observado na concepção

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

de um sistema que se auto organiza e que se autoproduz constantemente. Para corroborar essa concepção, Moesch e Beni (2015) e Beni e Moesch (2017) apresentaram avanços e inovações na reconstrução do modelo de SISTUR anteriormente proposto por Mário Carlos Beni (1998).

Compreendidos como Instâncias de Governança Regional, os circuitos turísticos mineiros constituem-se em uma estratégia de planejamento estadual proposta para administrar e produzir resultados eficazes no ordenamento territorial do turismo. Contudo, mesmo com essa base política de sustentação, a pesquisa nessas instâncias demonstra que a política dos Circuitos Turísticos ainda carece de ferramentas de gestão que consolidem seu papel articulador dos agentes sociais que atuam de forma direta e indireta na complexidade sistêmica que envolve todo o contexto do turismo estadual.

Tomando como base essas considerações e a vivência do pesquisador na condição de presidente da instância de governança do Circuito Turístico Caminho Novo (CTCN) no período de 2015-2017, propusemos como hipótese da pesquisa que, mesmo como principal interlocutor regional, aquela instância ainda apresenta dificuldades para gerir o processo de desenvolvimento turístico em sua região e estabelecer redes regionais entre agentes sociais do turismo de forma sistêmica e complexa.

Esse direcionamento nos permite relacionar os sistemas complexos às políticas públicas, dada a sua abrangência de conexão com agentes sociais, empresas, instituições, com o sistema econômico e com uma gama variada de situações que se justapõem, se retroalimentam e que possuem comportamentos não lineares. Entendendo assim, que as “políticas públicas também abarcam uma série de questões setoriais que são entrelaçadas, assíncronas e especialmente sobrepostas” (Furtado, 2015, p. 21). Nesse contexto, propõe-se ser fundamental conhecer em profundidade as conexões entre sistemas complexos que se inter-relacionam através da atuação dos seus agentes sociais, dado que o objeto de “uma análise de sistemas complexos de políticas públicas é fornecer uma visão e uma compreensão de como o sistema complexo da sociedade pode ser afetado pela aplicação de uma política” (Rand, 2015, p. 46).

O objeto empírico desse estudo, o Circuito Turístico Caminho Novo, na condição de uma Instância de Governança Regional está inserido dentro desse contexto sistêmico complexo, dado que compõe a trama de relações sociais que se desenrola na gestão e formação das políticas públicas de turismo no Brasil, em especial de Minas Gerais.

2. Revisão de Literatura

O turismo entendido como um fenômeno socioespacial complexo envolve um conjunto de relações de cunho territorial, social, econômico, espacial e temporal, em um contexto com características multifacetadas e uma dinâmica de atores conectados em redes interativas, como descrito por Knupp (2014), Fratucci (2008) e Baggio (2008, 2006), dentre outros. Dada tal complexidade, seu entendimento deve buscar apoio em conceitos e teorias

**XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP**

que sejam capazes de explicar a multiplicidade de relações, interações e interconexões que ocorrem dentro do sistema do turismo enquanto um campo científico em constante construção.

Para tanto, esta pesquisa apoia-se na Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy, por entender que essa teoria mudou o rumo da ciência ao introduzir o pensamento sistêmico. Como base filosófica para a produção desse trabalho, optou-se pelo Paradigma da Complexidade do filósofo Edgar Morin (2000; 2002a; 2015), com o intuito de demonstrar o turismo como um fenômeno complexo com capacidade de se “auto-eco-organizar” (MORIN, 2015), e de influenciar seu ambiente pelo ecossistema em que está inserido.

Para que um sistema possa ser estruturado ele deve estar em um meio ambiente, possuir unidades, manter relações entre suas unidades, ter seus atributos próprios e, sobretudo, possuir um *input* (entrada) e um *output* (saída) (Panosso, 2008). Operando nessa linha de raciocínio, pode-se dizer que “todo organismo vivo é essencialmente um sistema aberto. Mantém-se em um contínuo fluxo de entrada e de saída, conserva-se mediante a construção e a decomposição de componentes” (Bertalanffy, 2009. p. 65).

Nessa condição, o sistema aumenta seu grau de complexidade “quando sua existência e a manutenção de sua diversidade são inseparáveis de inter-relações com o ambiente, por meio das quais o sistema tira do externo matéria/energia e, em grau superior de complexidade” (Morin, 2005. p. 292). Do ponto de vista teórico e empírico, o conceito de sistema aberto “abre a porta a uma teoria da evolução, que só pode provir das interações entre sistema e ecossistema, e que, em seus saltos organizacionais mais admiráveis, pode ser concebida como a superação do sistema por um metasistema” (Morin, 2015. p. 22).

Essa conexão estabelecida entre sistemas, subsistemas, ecossistemas e metasistemas, gera uma interdependência de retroalimentação, de auto-eco-organização entre os diversos níveis escalares em que os sistemas se encontram e nas suas relações diretas com seu ambiente. Nesses moldes, o ser humano está naturalmente inserido em todas as redes de conexões que se fazem presentes nos sistemas sociais, ecológicos, moleculares e tecnológicos, onde há comumente interações que se sobrepõem e se justapõem.

Trazendo essa contextualização sobre sistemas e redes para dentro do campo de estudos do turismo, devemos entender que a atividade turística está intrinsecamente relacionada ao sistemismo. Temos em vista que para se desenvolver, o turismo necessita de uma ampla rede relacional que opera dentro de sistemas interdependentes, que se ligam diretamente a vários outros sistemas e subsistemas. Por consequência, trata-se de um fenômeno socioespacial interdependente e interconectado, que não se reduz às suas partes, com sua compreensão exigindo uma visão mais ampla, que remete à ideia de interação sistêmica.

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

A Teoria Geral dos Sistemas aplicada ao estudo do turismo

A Teoria Geral dos Sistemas (TGS) trouxe uma nova forma de compreensão para os processos dinâmicos e interativos que são encontrados nos mais diversos ramos da ciência. Essa percepção rompeu com a obscurecência analítica e cartesiana e despertou para uma visão sistêmica, de modo que as relações e os conjuntos assumem uma importância destacada nas análises de interatividade e interdependência, em que compreender o todo é muito mais importante do que simplesmente se atentar meramente à análise isolada de suas partes.

De tal forma, na busca por um entendimento epistemológico e conceitual sobre como opera o sistema turístico, diversos autores como Leiper (1979), Boullón (1990), Molina (1991), Gunn (1996), Sessa (1983), Beni (1998), Petrocchi (2002), Jiménez (2005) dentre outros, buscaram embasamento na teoria geral dos sistemas para construir seus modelos com o intuito de explicar a dinâmica sistêmica encontrada no contexto do fenômeno socioespacial e sociocultural do turismo.

As abordagens propostas por Leiper (1979), Boullón (1990) e Beni (1998) sobre modelos de sistemas turísticos nos possibilitam uma reflexão que nos remete ao entendimento de que o turismo opera como um sistema aberto, permanentemente conectado e em interação com seu ambiente. Ele deve ser pensado, estudado, desenvolvido e conceituado a partir das conexões interativas dos elementos que o compõem e não somente pela análise isolada de suas partes. Faz-se necessária uma abordagem que considere o fenômeno turístico como um sistema que se retroalimenta, se auto organiza e se relaciona com outros sistemas, por meio de um meta sistema. Assim, torna-se fundamental considerar as relações dialógicas, concorrentes, antagônicas, complementares e retroagentes (Morin, 2000, 2002, 2011) que se estabelecem em todos os momentos e etapas do SISTUR.

A reconstrução do SISTUR a partir do Paradigma da Complexidade

No atual contexto dos estudos do turismo com base na teoria geral dos sistemas, os avanços científicos e epistemológicos devem prosseguir com mais profundidade dentro de uma perspectiva complexa, interativa, na visão de um sistema vivo que se retroalimenta e que se auto organiza. Um avanço nesse sentido pode ocorrer a partir da adoção do paradigma da complexidade, proposta pelo filósofo de Edgar Morin (2000; 2002a; 2015) para compreender o fenômeno turístico. Tal proposta pressupõe inovações e impactos sobre a produção do conhecimento turístico, perpassando seu aprofundando e sua compreensão fundamentada dentro de uma visão sistêmica e complexa.

A primeira etapa da complexidade proposta na construção da epistemologia do turismo, segundo o pensamento complexo de Morin (2001), é o rompimento com a simplicidade na forma de pensar o objeto do turismo, mesmo que esses conhecimentos simples nos ajudem a conhecer algumas propriedades do conjunto. No sistema turístico, como

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

em toda a organização viva, os subsistemas não estão dispostos ao acaso, pelo contrário, eles estão “organizados em função de um tecido de sustentação que serve de sustentação das diversas estruturas do sistema, de uma unidade sintética em que cada parte contribui ao conjunto” (Moesch, 2013. p. 16).

Do ponto de vista sistêmico e de sua dinâmica, Moesch e Beni (2015, 2017) identificaram limitações no modelo original do SISTUR proposto por Beni (1998) para sua aplicação nos estudos sobre as dimensões epistemológicas e teóricas do fenômeno turístico contemporâneo. Diante disso, eles apontam para o “paradigma holístico da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, expressa por essa discussão, como necessidade para uma ação na construção da epistemologia do turismo” (Moesch, Beni, 2015. p. 16). A insuficiência do modelo do SISTUR (BENI, 1998) se dava pela análise dos seus conjuntos e de seus subsistemas. A partir do entendimento de suas partes se buscava explicar toda a interação do sistema, o que seria falho “pois a simples soma das partes não revela a complexidade de suas conexões e a dinâmica das relações” (Moesch, Beni, 2015, p. 16).

Para tanto, os autores se apoiam na teoria da complexidade de Edgar Morin (2001) para apresentar um novo modelo para a reconstrução do SISTUR, que o compreende como “sistema vivo, que se auto-organiza, e realiza sua autoprodução, ao mesmo tempo em que realiza a auto-eco-organização e a sua auto-eco-produção, pois ele está envolvido em um ambiente externo que se encontra, ele mesmo, integrado a um sistema eco-organizador, o ecossistema” (Moesch, Beni, 2015. p. 09).

O SISTUR, reconstruído dentro desses parâmetros pode ser observado como um sistema interativo, que não se reduz a si mesmo. Ele está constantemente se auto organizando, sendo influenciado pelo seu ambiente externo (ecossistema) e pelo seu comportamento interno (rede de produção), ao mesmo tempo se conectando e sendo influenciado pelos agentes que compõem o cluster turístico, comumente girando dentro de um espaço/tempo presente em um território. (Guilarducci, Fratucci. 2016).

Tal entendimento do SISTUR, passa pela sua compreensão como um sistema dinâmico, interativo que possui um movimento circular, contínuo e aberto que mantém relações de troca energética, passando seu entendimento como um sistema aberto e “dentro dessa concepção do sistema turístico aberto e orgânico, na forma de um holograma, a energia que propicia a sua dinâmica é humana” (Moesch, 2013, p. 20).

Toda essa interação de conexões de auto-organização produz conectividades que, somadas aos processos sociais que inevitavelmente ocorrem no turismo, geram uma rede social e territorial complexa entre agentes sociais, rede que contribui para a construção do saber turístico. Isso se reflete nas ações de ordenamento e gestão do território e nas inter-relações entre os agentes sociais com as políticas públicas que produzem uma série de eventos de magnitude social, econômica e cultural, que devem ser pensados pela ótica da complexidade, pois possuem subsídios capazes de fornecer um melhor entendimento sobre o fenômeno turístico (Guilarducci, Fratucci. 2016).

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

O modelo apresentado pelos pesquisadores Beni e Moesch (2015) do ponto de vista do turismo como um sistema complexo apresentou inovações e trouxe uma nova visão para os estudos do setor. Por outro lado, por meio de uma observação mais atenta e minuciosa no modelo apresentado é possível identificar lacunas e brechas quando analisado pelo viés da complexidade. Essa proposta ainda carece de elementos que figurem a interconexão e auto-organização presente em sistemas complexos que sejam capazes de demonstrar de maneira mais clara e objetiva a conectividade entre os elementos presentes e sua conexão com o todo sistêmico. Entretanto, não é aqui o momento de delinear com mais precisão todos esses apontamentos, para isso, urge a necessidade de um estudo mais detalhado e aprofundado dentro dos limites dos sistemas complexos.

Aspectos teóricos sobre sistemas complexos

Sistemas, sobre a ótica da complexidade, coexistem com possibilidades de interação e sua aplicação se dá em diversos níveis de escala, atuando dentro de uma lógica complexa, onde há fatores não previsíveis e em constante alteração. Essa concepção de multiteração, multidisciplinar e dinâmica é corroborada por Fuentes quando afirma que “a ciência da complexidade não é um ramo disciplinar da ciência, é uma inter/transdisciplinar exploração da natureza, em quase todas as escalas e ambientes” (Fuentes, 2015, p. 65).

Tais inter-relações e conectividades disciplinares se estabelecem em diversos tipos de escalas e se ligam a outros sistemas não previsíveis e de forma não linear, o que produz uma constante adaptação do próprio sistema e de seu padrão. A imprevisibilidade, o grande número de interações, a permanente mudança e sua não linearidade são peculiaridades intrínsecas no sentido de compreender os sistemas complexos. De tal forma, a terminologia ‘sistemas complexos’ pode ser definida como um “sistema em que grandes redes de componentes sem nenhum controle central e com regras simples de operação dão origem a comportamento complexos coletivos” (Mitchell, 2009, p. 13).

Os sistemas dentro de uma lógica social reagem diante a demanda que se entrelaça entre acaso, ordem e desordem num movimento dialógico, recursivo e complementar, que comumente se auto organiza pelas suas próprias forças antagônicas. Toda essa instabilidade sem equilíbrio contribui para a retroação organizacional produzida dentro do seio das próprias inter-relações sociais, formando um tecido social sistêmico e complexo, que se auto organiza. Dentro disso, a “complexidade não se reduz à incerteza, é a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados. Ela diz respeito a sistemas semialeatórios cuja ordem é inseparável dos acasos que os concernem” (Morin, 2015, p. 35).

Nessa linha de pensamento complexo e sistêmico, o turismo está inserido, reconhecidamente como um fenômeno socioespacial e sociocultural que envolve uma série de ações de magnitude complexa para que possa acontecer de forma plena.

**XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP**

A partir dessa perspectiva, os agentes sociais que atuam nas políticas públicas e no fenômeno turístico, estabelecem conexões relacionais dentro de um sistema social, em uma estrutura reticular complexa. Nesse aspecto, a análise de redes sociais é uma ferramenta metodológica que pode ser utilizada para entender essa trama interativa entre indivíduos e instituições e vice-versa, considerando o fluxo contínuo de auto-organização e não linearidade presentes nas relações em rede.

Revisão teórica sobre análise de redes sociais

As relações e as conexões dos agentes sociais e o papel que cada um assume dentro da sociedade, estabelecem interações relacionais que contribuem para a formação da estrutura social, culminando em redes sociais dinâmicas, com alto grau de complexidade. Toda essa trama relacional com níveis distintos de complexidade tem gerado estudos e pesquisas dentro das ciências sociais, com o intuito de entender os processos de conexão em nível social e institucional.

Nesse contexto, a análise de redes sociais (*social network analysis/SNA*) proposta Warren (2007) é uma ferramenta metodológica de origem “multidisciplinar (psicologia, sociologia, antropologia, matemática, estatística) cuja principal vantagem é a possibilidade de formalização gráfica e quantitativa de conceitos abstraídos a partir de propriedades e processos característicos da realidade social” (Souza, Quandt, 2008, p. 31), constituindo-se em “uma abordagem focada na análise da estrutura dos fenômenos, principalmente nas inter-relações entre os atores” (Recuero, 2015, p. 45).

A partir da visão de representação uma rede constitui-se de um conjunto de pontos ou nós (*nodes*) ligados por elos (*ties*), considerando que esses ‘nós’ constituem um conjunto de atores (*set*). Graficamente os ‘elos não-direcionados’ (*non directed ties*) são representados por linhas retas ou curvas (*lines*), ao passo que ‘elos direcionados’ (*directed ties*) são referenciados por linhas retas ou curvas terminadas por setas (*arcs*) (Souza, Quandt, 2008).

Do ponto de vista teórico-empírico, existem diferentes possibilidades explicativas sobre a análise de redes sociais e a teoria dos laços fortes e dos laços fracos de Granovetter (1973, 1983) se insere nesse panorama. Segundo aponta Lemieux (2012), sobre a teoria de Granovetter, os laços fortes ou estreitos nos unem aos indivíduos mais próximos de nós, como por exemplo, aos parentes mais próximos como (pais, primos, amigos, cônjuges) e os laços fracos ou frouxos nos ligam a parentes mais afastados, colegas de turma e a vizinhança com a qual não temos laços de amizade (Lemieux, 2012).

Outra forma de aplicação teórica empírica na análise de redes sociais é a teoria dos buracos estruturais, elaborada por Burt (1992), que tem como ponto central o *tertius gaudens*, ou seja, quando um ator social tira vantagem do conflito entre outros dois. Ele possui uma posição vantajosa pelo fato de intermediar uma relação entre dois indivíduos que não têm relação entre si. Nesse aspecto, o *tertius gaudens* pode se valer de duas estratégias de acordo

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

com o tipo de relação que mantém com cada uma das partes envolvidas nesse buraco estrutural que se forma entre esses três atores.

No campo das políticas públicas a análise de redes sociais pode ser considerada uma ferramenta que contribui de forma significativa para o desenvolvimento e o monitoramento de dessas políticas, pois, permite que se discutam os “efeitos da complexa interdependência presente na produção de políticas sobre a ação social, considerando não apenas as ligações em torno dos atores, mas também a estrutura dos vínculos e os padrões gerais em que esses estão inseridos” (Marques, 2006, p. 20).

No âmbito geral, os sistemas complexos se encontram intrinsecamente relacionados ao desenvolvimento das políticas públicas, pois existe uma interconexão entre setores, instituições, unidades federativas, instâncias de governança e entre os agentes sociais que compõem e movimentam toda essa superestrutura governamental. Nessa rede sistêmica de conexões, a força motriz que o SISTUR movimenta tem sua essência na própria natureza orgânica dos agentes sociais.

3. Metodologia

Este estudo está estruturado como uma pesquisa qualitativa exploratória, realizada no período de setembro de 2015 a agosto de 2017. O objetivo desse trabalho foi analisar a rede social da Instância de Governança do Circuito Turístico Caminho Novo (CTCN), tendo em conta os pressupostos estabelecidos pelas políticas públicas de turismo no Brasil que indicam tais instâncias como as responsáveis diretas para articular, fortalecer e gerir a rede de agentes sociais de cada região turística.

Na busca para entender essa complexa trama de relações, a pesquisa foi norteadada pela teoria da complexidade de Edgar Morin (2000, 2002a, 2002b, 2002c) sustentada pela ferramenta de análise de redes sociais, que permitiram esmiuçar a inter-relação que envolve sincronicamente os processos sociais, econômicos, culturais, ambientais e políticos relacionados ao fenômeno socioespacial produzido pela atividade turística.

Do ponto de vista metodológico foi utilizada como ferramenta a análise de redes sociais para qualificar os laços relacionais que o CTCN estabelece entre os agentes sociais atuantes nas esferas regional, estadual e federal. Para isto, a análise dessa rede foi feita com base na rede de política pública (Lemiex, 2012).

Para produzir nossa análise sobre a rede social do Circuito Turístico Caminho Novo foi utilizado o método bola de neve, aplicado em três rodadas que contribuíram para a produção de uma matriz de pesquisa, utilizada como forma de estabelecer os parâmetros para analisar e sistematizar os dados da pesquisa. Além desses dois instrumentos, foi utilizado o *software yED Graph@* por meio da ferramenta centralidade de intercessão entre nós (*Node Betweenness Centrality*) para produzir os sociogramas das redes observada, ou seja, a rede formal, teórica, da rede apontada pelos agentes sociais entrevistados e da rede possível,

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

formada pelos agentes indicados nas entrevistas acrescidos dos seus parceiros, associados e serviços não apontadas pelos agentes sociais entrevistados.

A partir do método bola de neve e com apoio da matriz de pesquisa visando o aprofundamento da pesquisa, foi aplicado um questionário por correio eletrônico à equipe técnica da Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais (SETUR-MG) e aos membros da Federação dos Circuitos Turísticos (FECITUR). Concomitante foram realizadas entrevistas estruturadas com os principais agentes envolvidos com turismo na região, apontados na segunda fase do método bola de neve, que são CTCN, ABRASEL/ZM, SDETTUR, JFRC&VB.

Nesse contexto, a análise dos sociogramas, dos questionários e das entrevistas buscaram responder as seguintes variáveis: (a) capacidade dos agentes sociais se articularem em rede; (b) grau de proximidade de relação entre os agentes sociais; (c) nível de capacidade gerencial de uma região turística; (d) formação de redes regionais entre agentes sociais.

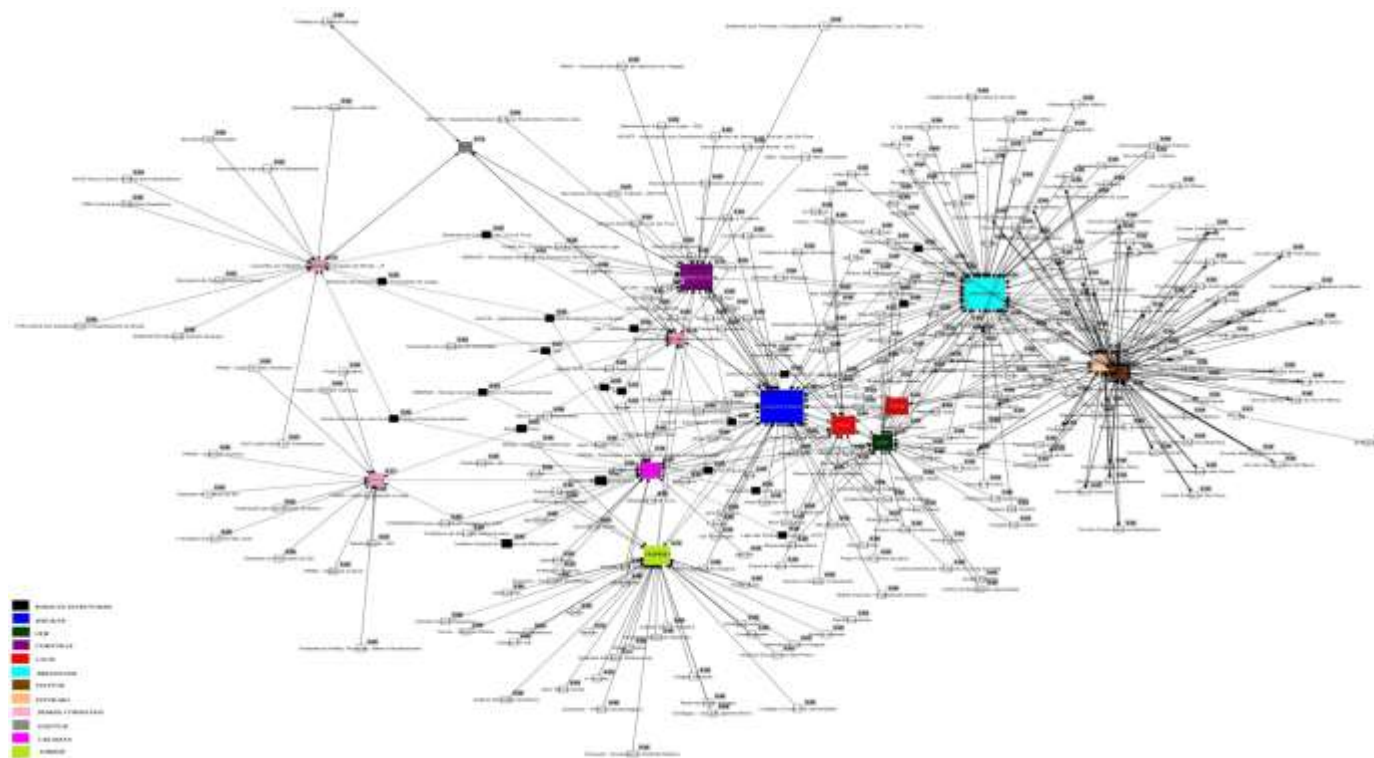
4. Resultados e Discussão

A análise se iniciou com a produção do sociograma da rede existente ou não, na instância de governança do CTCN utilizando como primeira referência as entidades que compõem o COMTUR-JF. A partir disso realizou-se uma triagem dentre as instituições identificadas para selecionar os principais agentes envolvidos com o turismo na cidade/região. Essa escolha se deu motivada pelo fato do COMTUR-JF congregar em sua composição as instituições mais fortes e representativas do turismo dentro do contexto regional.

Buscou-se mapear a rede observada nessa primeira etapa, a partir das relações estabelecidas entre os principais atores ligados ao turismo na região objetivando identificar qual(is) ator(es) possuem maior centralidade dentro dessa rede. Nesse sentido, a análise do sociograma na rede formada por essa instância de governança (figura 01) apresenta um conjunto de ligações e interconexões existentes entre seus grupos e nós. A produção deste sociograma gerou um total de 319 nós (*nodes*) e 514 laços (*edges*) e uma autocitação (*auto loop*) de interconexões estabelecidas entre os agentes sociais da rede. Dentre essas conexões foram observados um total de 20 agentes que exercem atuação de laços fracos onde cumprem o papel preencher os buracos estruturais da rede interconectando um ou mais nós ou grupos.

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

Figura 01 – Sociograma da Rede Observada do Circuito Turístico Caminho Novo



Fonte: Elaboração própria (2017)

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

Dentro desse raciocínio que a ferramenta ‘centralidade de intercessão’ (*node betweenness centrality*) estabelece seus parâmetros de cálculo, atribuindo um valor considerando o caminho mais curto para todos os vértices e as conexões entre eles. O cálculo ainda considera as relações direcionadas e não direcionadas e, para todos os possíveis caminhos pequenos é estabelecido o valor de 1 e para os caminhos mais curto é empregado o valor de 0 (Social Network Analysis, 2011). Ao considerar isso, quanto mais conexões próximas e interconexões forem estabelecidas por um nó, mais próximo de 1 (um), será seu índice, indicando que maiores serão suas interações e seu poder de influenciar os outros nós na rede. Ele assume uma postura de centralidade na condição de que não possui restrições de acesso a outros grupos igualmente influente ou não.

O quadro 01 apresenta os índices de cada instituição da rede do CTCN, em ordem decrescente, a partir dos quais pode-se dimensionar a intensidade de ligações e a centralidade estabelecida por cada agente na rede observada.

Quadro 01 – Índice das instituições da rede observada

Instituição	Valor do Índice
JFRC&VB	1.0
ABRASEL/ZM	0.93
COMTUR-JF	0.70
CTCN	0.44
SHRBSJF	0.44
SETUR-MG	0.42
CTCN	0.40
UFJF	0.35
GDI-MATA	0.33
FECITUR	0.21
COMTUR-SD	0.17
CDE-JF	0.16
SDETTUR	0.14
CMGER-JF	0.13
IF-SUDESTE	0.05
SINDRURAL-JF	0.04
CRITT	0.01
Demais	0.00

Fonte: Elaboração própria (2017)

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

A visualização desta ‘rede observada’ apresenta como panorama geral a existência de um número elevado de entidades que exercem centralidade e que podem exercer influência direta e indireta nas complexas relações formatadas em uma rede de relações sociais. Essa centralidade se sobrepõe em entidades ligadas ou pertencentes ao município de Juiz de Fora. Quando se visualiza a região, apenas o COMTUR-SD pode ser apontado com um índice bem baixo (0.17). Com isso, o sociograma aponta para uma centralidade de instituições sediadas no município de Juiz de Fora e para uma baixa representatividade por parte das outras cidades.

Análise do sociograma da rede apontada

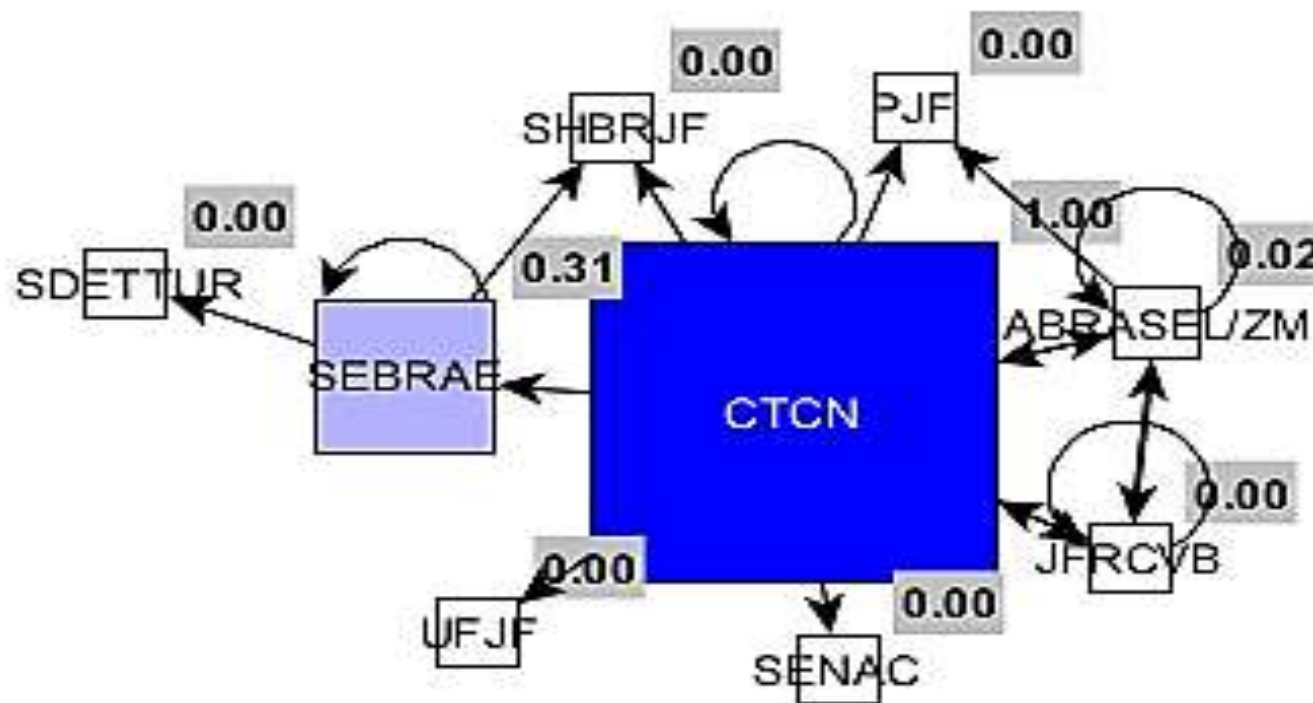
A produção do sociograma da rede apontada pelos agentes sociais, partiu dos apontamentos oriundos das entrevistas estruturadas aplicadas às entidades e instituições ligadas ao COMTUR-JF e às secretarias de turismo dos municípios associados ao CTCN. No questionário aplicado foi solicitado que fossem apontadas pelos entrevistados, quais entidades possuíam maior importância para a gestão do turismo em nível regional. Junto a isso foi pedido que atribuíssem valores para cada uma, dentro de uma escala de 0 a 10, para demonstrar seu nível de importância para a região. Os resultados apontaram que as entidades/instituições com maior representatividade para a gestão do turismo regional são SHRBSJF, JFRC&VB, ABRASEL/ZM, SDETTUR, Prefeitura de Juiz de Fora (PJF), CTCN, UFJF, SEBRAE e SENAC.

A análise do sociograma indica uma rede com ligações reduzidas e compostas por pouquíssimos agentes sociais, destacando como característica a presença de laços fortes, fechados entre si, compartilhados dentro de um pequeno grupo que fortalece suas conexões internas e se fecha às conexões externas. Verifica-se também a inexistência de buracos estruturais e de relações com laços fracos, pois não se visualiza agentes que estabeleçam conexões fora do grupo restrito mantido pela rede.

Ao se considerar o caráter simplista do padrão relacional mantido nessa rede, sua interlocução com a complexidade fica empobrecida ao passo que foge dos preceitos básicos dos sistemas complexos, tendo em vista que o sociograma aponta para 09 nós, 18 laços e quatro autocitações (auto loop). São nesse aspecto, os padrões de comportamento e de interação que guardam o sistema de relações e posicionam os atores de acordo com sua funcionalidade (Aguirre, 2011).

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

Figura 02 – Sociograma da Rede Apontada do Circuito Turístico Caminho Novo



Fonte: Elaboração própria (2017)

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

Há no caso dessa rede duas centralidades com maior funcionalidade de acordo com o que é apontada pelos índices (Quadro 02) gerados entre as relações dos atores e que foi calculado pela ferramenta de centralidade de intercessão entre nós do *software yed*.

Quadro 02 – Índice das instituições da rede apontada

Instituição	Valor do Índice
CTCN	1.00
SEBRAE	0.31
ABRASEL/ZM	0.02
SENAC	0.00
PJF	0.00
UFJF	0.00
SDETTUR	0.00
JFRCVB	0.00
SHBRJF	0.00

Fonte: Elaboração própria (2017)

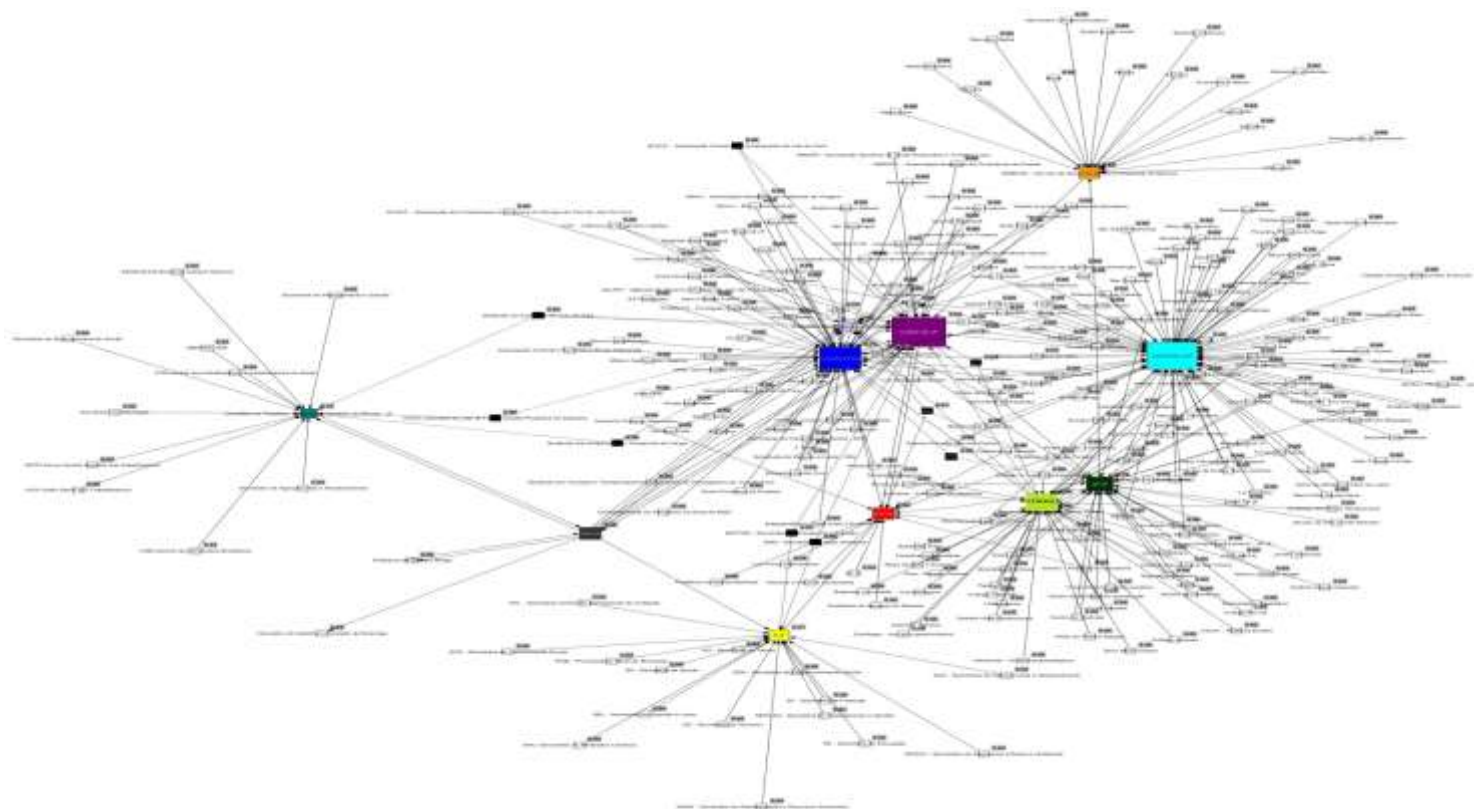
Isso pode ser observado pelo apontamento do CTCN que citou em suas respostas um número maior de entidades como importantes para o turismo regional, onde o circuito foi autocitado. Essa mesma auto indicação foi realizada pela ABRASEL/ZM, JFRCVB e SEBRAE o que gerou uma volta em sim mesmo para cada delas, ao mesmo tempo em que isso acontece, elas também citam umas às outras. Tal comportamento produz ligações bidirecionais entre essas entidades e acarretam que a centralidade seja estabelecida pelo CTCN e pelo SEBRAE, reforçando que essas duas instituições exercem maior poder de influência e conexão nessa rede.

O sociograma da rede possível

Por outro lado, quando considerado que as entidades que compõem a rede apontada possuem um conjunto de associados, parceiros e serviços, os quais ao serem incluídos na rede, trazem a possibilidade que haja mais interconexão entre os agentes sociais. Essa questão traz a possibilidade de que tal rede saia de uma condição com laços fortes, fechados, e se abra para uma rede com laços fracos e buracos estruturais que podem agregar a ela novos conhecimentos ao mesmo tempo em que podem manter e desfazer conexões entre os atores. Para tanto foi produzido um sociograma com a ‘rede possível’ (figura 03) estabelecida entre os agentes sociais e suas principais conexões.

**XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP**

Figura 03 – Sociograma da Rede Possível do Circuito Turístico Caminho Novo



Fonte: Elaboração própria (2017)

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

A elaboração deste sociograma da ‘rede possível’ pode representar graficamente o padrão relacional possível de ser mantido nessa rede social, tendo em vista que o apontamento das entidades foi feito dentro da percepção deles próprios. Com isso, é possível visualizar a centralidade, as interconexões entre agentes e grupos e ainda qual é o potencial de um nó em expandir suas relações de conexão.

Ao inserir ou retirar agentes em uma rede social sua dinâmica se altera na proporção das interferências sofridas nas ligações entre seus nós. O sociograma elaborado para a ‘rede possível’ com os agentes das entrevistas trouxe um novo desempenho nas conexões entre os atores e direcionou para 276 nós (*node*) e 309 laços (*edges*). Porém, quando comparado com o sociograma da ‘rede observada’ o resultado para os três principais agentes de maior influência se mantiveram equiparados aos índices da ‘rede apontada’.

Tal situação demonstra que, mesmo diante de um novo contexto de troca e inserção de outros nós (agentes) na rede, o COMTUR-JF, a ABRASEL/ZM e o JFRC&VB se mantiveram em posições de maior centralidade e com mais conexões estabelecidas com outros nós e grupos. Os resultados ainda indicam que há uma grande centralização de entidades/instituições do município de Juiz de Fora, indicando esta cidade como polo regional dotada de recursos humanos e institucionais capazes de atingir toda a região.

Quadro 03 – Índice das instituições da rede possível

Instituição	Valor do Índice
COMTUR-JF	1.0
ABRASEL/ZM	0.91
JFRC&VB	0.71
SHRBSJF	0.45
UFJF	0.36
SDETTUR	0.26
CTCN	0.25
SEBRAE	0.22
PJF	0.21
CDE-JF	0.17
CMGER-JF	0.14
CTCN	0.03
SINDCOMERCIO-JF	0.02
SETTRA-JF	0.02
SMA-JF	0.02
CRITT	0.01
Demais	0.00

Fonte: Elaboração Própria (2017)

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

Uma observação mais atenta do sociograma da rede possível indica que há pelo menos uma deficiência no PRT nessa região turística. O primeiro é demonstrado pelo baixo índice do CTCN de 0.25 (Quadro 03) que, na condição de instância regional, tem atribuído um valor pouco expressivo, principalmente se comparado com as demais instituições. De forma geral, a análise do sociograma produzido pela ‘rede possível’ aponta para deficiências no PRT dentro da rede regional analisada, tendo em vista o baixo índice de centralidade apresentando pela instância de governança do CTCN e as poucas conexões estabelecidas por ela. Somente o sociograma isolado traz uma boa visualização do cenário da rede regional, mas sua compreensão pode ser complementada com a análise do conteúdo das informações obtidas junto aos agentes sociais que compõem a rede.

Análise de conteúdo das entrevistas dos agentes sociais da região do CTCN

A terceira etapa do método bola de neve, que embasa esse tópico, foi composta pela aplicação de um questionário, por correio eletrônico, enviado à SETUR-MG e à FECITUR, e pela realização de entrevistas estruturadas com os principais agentes do turismo da região de estudo, selecionados com base nas indicações feitas na segunda rodada. O conjunto de perguntas foi estruturado a partir de quatro variáveis: (a) capacidade dos agentes sociais se articularem em rede; (b) grau de proximidade de relação entre os agentes sociais; (c) nível de capacidade gerencial da região, e (d) formação de redes regionais entre agentes sociais.

Após a coleta dos dados foi elaborado um quadro adaptado de Bardin (2011), para produzir a análise de conteúdo dos questionários e entrevistas. O quadro foi dividido em linhas e colunas, inseridos os campos da variável levantada, o entrevistado, a transcrição da fala, palavras chave, e por último uma observação sobre o tema central apontado na fala do entrevistado.

No caso específico da análise das entrevistas dessa pesquisa o conteúdo temático partiu da transcrição das falas correspondentes às variáveis selecionadas previamente, destacando-se, em negrito, o conteúdo principal. A partir disso, foram apontadas palavras-chaves do discurso de cada entrevistado.

Variável capacidade dos agentes sociais se articularem em rede

A variável capacidade dos agentes sociais se articularem em rede busca a compreensão do comportamento estabelecido entre os envolvidos dentro da rede regional e seu nível de articulação. Dentro de uma perspectiva inter organizacional observou-se se cada instituição tem a capacidade de reconhecer seu papel e o do outro, como agentes capazes de se influenciarem e de se articularem em rede. Para tanto, partiu-se do entendimento da complexidade de interrelação mantida entre o poder público, a iniciativa privada e a sociedade civil, nos níveis estadual, regional e municipal.

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

O conteúdo das entrevistas dessa variável aponta para incompatibilidades, deficiências e conflitos na articulação em rede entre os agentes sociais dessa região. Há falta de diálogo entre as instituições e uma baixa ou nenhuma articulação em rede entre o poder público, iniciativa privada e sociedade civil. Identificou-se muito mais aspectos semelhantes nas falas das entidades no que diz respeito à falta de compreensão do papel de cada uma como agente do turismo, falta de diálogo entre agentes, comportamento de competição em detrimento do trabalho em rede e falta de ligação e de convergência de ações entre o poder público, iniciativa privada e sociedade civil.

Tais posturas negativas presentes na região direcionam para um baixo índice da capacidade de articulação em rede e para um enfraquecimento das políticas públicas de turismo na região, pois trazem consigo um quadro reverso às propostas do trabalho em rede e descentralizado.

Variável grau de proximidade de relação entre os agentes sociais

Nessa variável sobre o grau de proximidade de relação entre os agentes sociais, foi considerada a partir do pressuposto de que toda rede se faz a partir de relações, sejam elas interpessoais ou interinstitucionais. Dessa maneira essa variável buscou identificar a proximidade das relações entre os agentes da rede do Caminho Novo, na perspectiva regional mantida entre agentes públicos, privados e da sociedade civil.

Ao se analisar e cruzar o conteúdo das falas se observou que há uma baixa proximidade de relações, incompreensão sobre os critérios básicos do programa de regionalização e pouco investimento nas instâncias de governança, na mesma proporção haverá um baixo grau de proximidade entre os agentes sociais na região. Essa visão de baixo grau de interação é indicada pelo próprio órgão estadual e pelas próprias entidades entrevistadas, que ainda veem como pouco representativo e tímido o grau de relação mantido entre as instituições.

Variável formação de redes regionais entre agentes sociais

Um dos critérios básicos na construção de políticas públicas com foco regional é a implementação do trabalho em rede envolvendo agentes dos setores públicos, privado e sociedade civil. Nesse contexto, essa variável prezou identificar se as entidades/instituições envolvidas no turismo regional conseguem manter relações em rede no intuito promover o desenvolvimento do turismo de forma ampla.

Os apontamentos das instituições entrevistadas indicam uma forte desarticulação entre instituições públicas e privadas no envolvimento e na participação na formação de redes regionais, o que acaba produzindo uma centralidade em poucas entidades que tentam, de forma tímida, realizar ações em prol do turismo quase sempre centradas em apenas um

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

município, Juiz de Fora. Na fala do CTCN, a entidade aponta duas questões fundamentais que contribuem para a deficiência na formação de redes na região.

Variável nível de capacidade gerencial de uma região turística

Essa variável foi levantada a partir da estrutura de gestão compartilhada apontada pelo PRT (2013), trabalhada em níveis de gestão contemplando a esfera nacional, estadual, regional e municipal. Para a escala regional ficou estabelecido à instância de governança como responsável pela gestão do turismo em sua região. Desse ponto de partida a variável buscou identificar a percepção dos agentes sociais sobre a gestão desenvolvida dentro do contexto da participação ampla e efetiva de todas as entidades/instituições envolvidas com turismo nessa região turística.

Como ponto prejudicial essa variável demonstrou a inexistência de um profissional com dedicação exclusiva para realizar toda a gestão e a parte administrativa do CTCN, considerado extremamente necessário para o funcionamento da instância e para a execução de projetos e ações de articulação regional. Outro contexto tem relação com a sobreposição de entidades de cunho regional que atuam com turismo, as quais estão todas centradas em um único município, Juiz de Fora.

De forma mais conclusiva como apontam os dados coletados, há ruídos no processo de gestão regional influenciado pela incompreensão do papel de cada agente dentro do processo de descentralização. A ponta desse sistema (município) onde as ações das políticas públicas deveriam acontecer de forma mais diretiva acabam sendo deficitárias derivada da própria ingerência municipal e pela falta de cooperação intermunicipal e interinstitucional que não produzem sinergia em suas decisões.

5. Conclusão

Como política pública de turismo a regionalização e a descentralização da gestão tem sua base nas instâncias de governança regionais, que têm o papel de ser o fórum de discussões direcionadas para gerir, planejar e desenvolver os territórios turísticos a partir da aglutinação de seus municípios e dos agentes que compõem o sistema turístico regional. Nesse contexto, em Minas Gerais o fortalecimento dessas instâncias, compõe a estratégia de planejamento estadual pensada para administrar e produzir resultados eficazes no ordenamento turístico territorial.

A articulação em rede nessa região se demonstrou deficitária com um baixo índice de poder de articulação existente entre os setores público, privado e a sociedade civil regional. Como reflexo disso, o grau de proximidade das relações sofre interferências que precisam ser ajustadas quando o foco é trabalhar com o turismo em nível regional a partir da formação de redes e da gestão descentralizada. No tocante, a densidade dos laços relacionais mantidos

XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP

entre os agentes sociais incluindo o setor público, privado e sociedade civil não parece não ser suficiente para sustentar e formatar uma rede regional sólida que possa se consolidar para produzir ações sistêmicas nessa região.

No patamar da gestão regional, os entraves financeiros, a baixa participação, a centralização excessiva, o pouco entendimento sobre os critérios das políticas de turismo, a imaturidade para se trabalhar em rede, a inexistência de um gestor executivo, as ingerências municipais, a sobreposição de entidades, são causas que convergem e dificultam a capacidade gerencial de uma região turística.

De forma bastante clara, tanto no sociograma da rede observada como naquele da rede possível, o CTCN que deveria ser o agente com maior centralidade por ser a instância regional, ainda aparece marginalmente e perde seu caráter de agente central. Tal constatação abre precedentes para que outras entidades com atuação regionalizada assumam a centralidade da rede, mas isto não as coloca na condição de interlocutores regionais junto ao Estado, pois sua representatividade se resume a segmentos específicos dentro do turismo e não contempla a totalidade dentro do sistema turístico.

Essas duas análises (sociogramas e análise de conteúdo) indicaram pontos convergentes que traduzem a realidade da gestão do turismo pela instância de governança do Caminho Novo no período dessa pesquisa. Um desses pontos é a inexistência de uma rede regional consolidada que tanto pode ser visualizada nos sociogramas da rede apontada e da rede possível como também no discurso das entidades entrevistadas.

Na região pesquisada, com base nos dados analisados, esse contexto sobre redes sistêmicas interconectadas ainda não foi bem assimilado pelos agentes sociais. Verificam-se ainda comportamentos reducionistas que impossibilitam a interação em redes municipais e regionais e que se distanciam de interações sistêmicas e complexas. Nesse contexto, o turismo como um sistema complexo opera dentro de padrões que influenciam todo o sistema e, qualquer mudança promovida pela implementação de novas políticas públicas produzem uma necessidade natural de auto adaptação, auto regulação, de forma que o sistema precisa se moldar.

Nesse comportamento sistêmico retroagente, o desenvolvimento das políticas públicas nos níveis regional e municipal, segundo apontam os resultados, demonstra-se insuficientes uma vez que ainda não atingem em plenitude a proposta de gestão compartilhada e de tomada de decisões com sinergia de esforços propostas pelas políticas de turismo. As análises dos dados ainda apontam para a ingerência municipal e regional que se reproduz dentro de um princípio da descontinuidade da gestão pública, ou seja, há uma constante interrupção de programas e projetos que muitas vezes são substituídos por outros a cada troca de gestão dos poderes executivos locais.

Uma das características que identifica essa região é a disparidade entre os municípios: de um lado encontra-se uma cidade polo regional que centraliza uma diversidade de aspectos, e de outro lado há um conjunto de municípios pequenos, desprovidos de estrutura e com uma

**XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP**

previsão orçamentária anual extremamente reduzida, muitas vezes insuficiente para investimentos e custeio em mão de obra especializada. Mesmo com elementos culturais e históricos que aglutinam a região, criar condições para a integração regional tem se tornado um grande desafio.

6. Referências

Aguirre, J. L. (2011). *Introducción al Análisis de Redes Sociales*. Buenos Aires: Documentos de Trabajo, 82, Centro Interdisciplinario para el Estudio de Políticas Públicas.

Baggio, R. (2006). *Complex systems, information technologies and tourism: a network point of view*. Information Technology and Turismo, vol. 8. p. 15-29.

Baggio, R. (2008). *Symptoms of complexity in a tourism system*. *Tourism Analysis*. Vol. 13, p. 1-20.

Bardin, Laurence. (2011). *Análise de Conteúdo*. Tradução; Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70.

Beni, Mario C. (1998). *Análise Estrutural do Turismo*. (Ed). São Paulo: Senac.

Beni, Mario Carlos; Moesch, Marutschka Martini. (2017). A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. *Turismo - Visão e Ação, Balneário Camboriú*, v. 19, n. 3, p. 430-457. Disponível em: < <https://dx.doi.org/10.14210/rtva.v19n3.p430-457> > DOI: 10.14210/rtva.v19n3.p430-457.

Bertalanffy, Ludwig Von. (2009). *Teoria Geral dos sistemas: Fundamentos, desenvolvimento, aplicações*. Petrópolis: Vozes.

Boullón, R. C. (1990). *Planificación del espacio turístico*. (2ª ed.) México: Trilhas.

Fratucci, A. C. (2008), *A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo*. Niterói-RJ: UFF. 308 f, Tese (doutorado), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.

Fuentes, M. A. (2015). Métodos e metodologias em Sistemas complexos. In Furtado, B. A., Sakowski, P. A. M., & Tóvolli, M. H., *Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas* (pp. 65-84). Brasília: IPEA.

**XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP**

Furtado, B. A., Sakowski, P. A. M., & Tóvulli, M. H. (2015). Abordagem de Sistemas complexos para políticas públicas. In Furtado, B. A., [et al...], *Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas* (pp. 21-42). Brasília: IPEA.

Granovetter, M. (1973). *The strength of weak ties*. American Journal of Sociology, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, may.

Granovetter, M. (1983). *The strength of weak ties: a network theory revisited*. Sociological Theory, San Francisco, v. 1, n. 1, p. 201-233.

Guilarducci, Bruno Campos; Fratucci, Aguinaldo Cesar. (2016). *Teoria dos sistemas complexos e possíveis aplicações nos estudos sobre as políticas públicas de turismo*. 2016. Artigo apresentando no XV Seminário da ANPTUR, São Paulo,.

Knupp, M. E. C. G. (2014). Análise de políticas públicas de turismo: uma abordagem metodológica baseada em redes sociais. In Pimentel, T. D....[et.al] (org.). *Gestão pública do turismo no Brasil* (pp. 285-316). Caxias do Sul/RS: Educs.

Leiper, N. (1979). *The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist and the tourist industry*. Annals of Tourism research, 6(4), 390-407..

Lemieux, V., & Ouimet, M. (2012). *Análise Estrutural das redes sociais*. (2ª ed.). Instituto Piaget: Trad. Sérgio Pereira.

Marques, E. C. (2006). *Redes sociais e poder no Estado Brasileiro: aprendizados a partir das políticas urbanas*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v.21, n. 60, (p. 15-41).

Minas Gerais. (2003). *Decreto Estadual nº 43.321, de 08/05/2003*. Dispõe sobre o reconhecimento dos Circuitos Turísticos e dá outras providências. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=43321&ano=2003>. Acesso em: 25 de junho de 2017.

Minas Gerais. (2003). Secretaria de Estado de Turismo. *Resolução nº 007/2003*. Instituir o Certificado de Reconhecimento dos Circuitos Turísticos de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000094.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2017.

Mitchell, M. (2009). *Complexity: a guided tour*. New York: Oxford University Press.,.



**XV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
19 a 21 de setembro de 2018 – São Paulo/SP**

Moesch, M. (2013). *A Origem do Conhecimento, o Lugar da Experiência e da Razão na Gênese do Conhecimento do Turismo*. v.20, n.1. Disponível em: <http://www.cet.unb.br/portal/images/stories/divulgacao/maruska.pdf>.

Moesch, M.; Beni, M. C. (2015). Do discurso sobre a ciência do Turismo para a ciência do Turismo. *Anais do XIV Seminário da ANPTUR*. Natal: Rio Grande do Norte. Pdf n.48

Morin, E. (2000). *Ciência com Consciência*. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Morin, E. *Introdução ao pensamento complexo*. (2015). Tradução Eliane Lisboa. (5. Ed.). Porto Alegre: Sulina.

Morin, E. *O Método 5: (2002c). A humanidade da humanidade: a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina.

Morin, E. *O Método 6: Ética*. (2011). Porto Alegre: Sulina.

Morin, E. *O Método I: (200a). A natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina.

Morin, E. *O Método IV: (2002b). As ideias*. (3ª. ed.). Porto Alegre: Sulina.

Panosso Netto, A., & Lohmann, G. (2008). *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph.

Rand, W. (2015). Sistemas complexos: conceitos, literatura, possibilidades e limitações. In Furtado, B. A. F...[et.al]. *Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas*. (pp. 43-64). Brasília: IPEA.

Recuero, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. (2015). *Análise de redes para mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 182p.,.

Souza, Q.; Quandt, C. (2008). Metodologia de análise de redes sociais. In Duarte, F.; Quandt, C. & Souza, Q. *O tempo das redes*. (pp. 31-63). São Paulo: Perspectivas.